

Resenha: FERREIRA, Paulo Rogers. **OS AFECTOS MAL-DITOS:** o indizível nas sociedades camponesas. São Paulo: Hucitec, 2008.

Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva
Professora Doutora - Universidade Federal de Goiás - UFG
rusvenia@gmail.com

O texto sobre o rural brasileiro (TB) se constitui de inúmeras contribuições nos mais diversos campos do conhecimento. A maior parte dessas contribuições tem alicerçado as pesquisas em muitas direções e correntes de pensamento, inclusive na Geografia. O curioso é quando mesmas referências teóricas e epistemológicas sustentam, sob o ponto de vista do método, teses e dissertações com características ortodoxas. O incomum é que apareçam, compondo a crítica a esse mesmo texto, etnografias heterodoxas como a proposta de Paulo Rogers: ousando e revelando os afectos malditos nas sociedades rurais.

Paulo Rogers, antropólogo cearense, experimenta-estuda espaços de manifestação do *indizível* das sociedades rurais. Na construção da compreensão de seu tema de estudo, demonstra as fragilidades de interpretações que, dos clássicos aos contemporâneos, tornaram a ordem social camponesa passível, sistêmica e enquadrada num sistema totêmico de família. Por uma *teoria dos afectos* o espaço iluminado por ele em sua etnografia são outros: moitas, currais, pastos e cozinhas. Lugares de paixões e *afetos malditos*, contrariamente ao dualismo masculino/feminino, manifestado espacialmente nas interpretações do espaço de consumo – a casa e o quintal -, e o espaço de produção, a roça.

O texto de Rogers (2008) torna a apreensão do mundo uma espécie de esculturacão que passo-a-passo se constrói de modo ousado na perspectiva do trabalho de campo. Concretamente como etnógrafo, o antropólogo participa da rede de afetos do vilarejo de Goiabeiras, um lugar do interior do Ceará, deixando ser conduzido, constituindo-se como parte maldita nos rumores locais, aprendendo sobre os ritos da paixão na perspectiva de uma antropologia contagiosa e de uma etnografia emocional. Compreende-se assim, que a família camponesa, pensada, numa perspectiva do “dito”, de modo sagrado, funcional, produtiva e reprodutiva, de direitos, tarefas e obrigações espacialmente definidas é mais complexa do que o texto sobre o rural brasileiro

conseguiu compreender. A partir desse preâmbulo, faço uma apresentação mais estrutural da obra.

A obra se fatia em 3 capítulos. No primeiro, intitulado *Imaginário instituído sobre as sociedades camponesas*, o autor apresenta a farta análise bibliográfica acerca da teoria do campesinato que está pautada em dois imaginários, dos quais: um alicerça a compreensão do modo de vida camponês propriamente dito e, outro, instituído pelo pensamento social, alimenta o primeiro e é por ele sustentado. O corpo camponês é, assim, domínio de atividades singulares e legítimas. É um corpo moral, normatizado e ajustado a uma estrutura social, que sustenta a unidade econômica e familiar por intermédio do trabalho. Chayanov (1870) contribui prementemente na origem das reflexões desse corpo, por meio de sua importante obra: *The Theory of Peasant Economy*. Sob a influência desse autor, muito embora com alguns matizes diferentes, Jerzy Tepich (1973) e Boulaw Galeski (1975) batizam o conceito de família (grupo doméstico) o qual será sócio e historicamente o estatuto natural sobre o qual o trabalho sobre o rural brasileiro (TRB) irá se alicerçar.

Corpo mutilado (Wolf e Mendras), corpo funcional (Segalen e Wall) e corpo classe-objeto (Bourdieu), o TRB enfoca os papéis e práticas sociais dos indivíduos que compõem a família camponesa. Práticas como o casamento ou o celibato – seja como ritual ou consequência, produzem lugares sociais irremediáveis. Cada indivíduo tem dessa feita, um status no grupo, definido por forças do matrimônio e reforçadas pelo patrimônio e herdade. Mas, para Rogers (2008, 66), os celibatários, herdeiros excluídos ou secundários, não apenas compõem a chamada “desigualdade rígida da herança” (O’Niell, 1984), ao contrário, participam ativamente das estratégias matrimoniais de forma ativa não estando fadado a cumprir as regras matrimoniais ou compensá-las numa missão imaginária indelével.

Ao final do primeiro capítulo a ordem moral camponesa, explicitamente àquela alicerçada na segunda corrente de formação da antropologia no Brasil, em que se destacam alguns nomes como Cândido (2003), Pereira de Queiroz (1976), Moura (1978), Woortamnn (1988), Woortamnn (1995), Garcia Junior (1983) – entre outros, parecem ofuscar ou tratar de forma prescritiva e proscritiva as múltiplas possibilidades do corpo (Rogers, 2008, 69). Apesar de admitirem que o mérito desses textos não esteja no tratamento das condutas sexuais, mas da divisão sexual do trabalho, a repetição

acerca dos padrões de comportamento, a relevância da herança e a função social dos gêneros na “unidade de produção e de consumo” é reforçada numa projeção conceitual que pouco experimenta da realização e criação dos modos de vida. A busca do autor, ao final do primeiro capítulo, é a de estabelecer sua estratégia de campo a partir da experimentação de conceitos e da imanência de sentidos.

No segundo capítulo, *Os afectos mal-ditos o indizível nas sociedades camponesas*, está apresentada a tese do trabalho. Nele o autor disserta sobre os múltiplos itinerários das sexualidades em sociedades rurais, considerando àquelas desprovidas de organismo, ou seja, àquelas que se localizam fora de uma “masculinidade hegemônica”. As homossociabilidades que aparecem nos raros estudos e que por vezes são tratadas como “anormais e desviantes”, são abordadas dentro de outro intercurso sexual: nos rumores locais, elas recebem os julgamentos convencionais a esse tipo de sexualidade, dos quais participam, inclusive, os próprios sujeitos (ativos e passivos); fora desses espaços sociais elas estão silenciadas, negadas e indizíveis, mas não mesmos atuantes.

Rogers (2008) encontra nos trabalhos de Almeida (1995) e Bourdieu (1999), duas contribuições etnográficas que, mesmo destoantes da sua, no campo da interpretação, possuem seus méritos, como o comentário que faz no trecho: “A importância de Miguel Vale de Almeida, ao meu ver, é que ele envereda em uma linha contrária e/ou complementar, e ainda pouco retratada, na literatura sobre sociedades camponesas” (2008, 115). Doravante, o sentido das práticas muitas vezes incorporadas pelos sujeitos são opostamente interpretadas em Rogers (2008), no quesito mais amplo do aprendizado etnográfico. Experimentei igualmente a experiência com uma informante do campo pentecostal do Povoado de Cibele, interior de Goiás a que: “nasceu crente, sempre foi crente e até fundou a Igreja de Cristo do povoado”, mas ao caminhar comigo pelas ruas, pediu a benção a uma velha senhora negra, benzedeira antiga do lugar, que está silenciada embora oficialmente reconhecida por ele e pelo grupo.

Toda tentativa de instituir uma reflexão heterodoxa encontra barreiras naturais dentro do campo científico, sobretudo quando o sistema de comunicação entre os vários campos, acerca da interpretação de tema, já está seguro e consolidado. A intenção apresentada por Rogers (2008) é ousada, pois introduz uma incorporação heterodoxa

das teorias sociais clássicas e contemporâneas. Seu projeto científico tem o mérito de elaboração dentro de uma filosofia da práxis uma vez que, foi ela experimentada e vivida, que orientou um livre projeto de pensamento articulado aos conceitos estratégicos: as paixões e os afectos. No capítulo 3 *Por uma estética dos afectos mal-ditos: cartografias do desejo*, o autor traz a tona um esboço etnográfico mais sistemático que traça os movimentos de *territorialização, desreterritorialização e reterritorialização* dos itinerários cartográficos do desejo, na afecção do diverso, o indizível. A partir disso a presença dos discursos dos informantes é mais efetiva e por tal fato aparecem a importância dos rumores e seus efeitos no plano político de uma Geografia de Goiabeiras. As prosas doídas e cheias de trocas, contagiantes em si, os territórios de homens e mulheres, bichas e cabras-machos, a constituição da subjetividade coletiva e os ritos e experimentações que contagiam os afectos formam os banquetes *amorosos no meio da caatinga*, espaços não oficiais que revelam o dom nas sociedades rurais. A partir daí se entrecruzam os campos: religiosos, políticos, familiares os que, segundo Rogers, o TRB tentou calar.

Em concluso, o território da reciprocidade foge ao viés eminentemente ideológico. Os valores morais camponeses, a subjetividade, a dívida, os bens, as trocas, o dom, todos os elementos que endossam uma interpretação parcial da ordem moral são relidos a partir dos seus enigmas e silêncios. Os afectos agenciam bandos e capturam a interpretação de outra moralidade, não mais calcada no dito-oficial. Há qualquer dimensão maior cuja engrenagem das paixões move a que se deve chamar de desejo.

Recebido em 21/11/2011
Aceito para publicação em 20/08/2012.